

AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E COGNIÇÃO NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Vera Antônia Medeiros Cardoso

Mestranda pela Veni Creator Christian University.

<http://lattes.cnpq.br/9399067537479680>

<https://orcid.org/0009-0002-1393-8455>

E-mail: veracardoso5372@hotmail.com

Egídio Martins

Prof. Dr. em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

<http://lattes.cnpq.br/0023780308259461>

<https://orcid.org/0000-0002-1903-3908>

E-mail: martinseguido@yahoo.com.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2025.EE>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2025.EE-09>

RESUMO: A afetividade no Ensino Médio constitui uma temática ainda pouco discutida e, em muitos contextos, negligenciada no processo educativo. O predomínio de práticas pedagógicas tradicionais, centradas na transmissão de conteúdos tem limitado o desenvolvimento de relações interpessoais significativas entre professores e estudantes. Tal realidade pode influenciar negativamente os processos de ensino-aprendizagem, refletindo-se nos resultados obtidos em avaliações de larga escala, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Nesse contexto, o presente estudo objetivo analisar a importância da relação afetiva entre professor e aluno no Ensino Médio e suas contribuições para a aprendizagem, à luz das concepções dos principais teóricos que abordam essa temática. A pesquisa justifica-se pela necessidade de promover formação integral, capaz de preparar os estudantes para atuar de forma crítica, participativa e consciente na sociedade contemporânea. Metodologicamente, o estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, fundamentada nas contribuições de autores que discutem a afetividade e a aprendizagem. Os resultados evidenciam que a afetividade desempenha papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes, contribuindo para a construção de um ambiente escolar acolhedor e favorável à aprendizagem. Conclui-se que a educação deve transcender a transmissão de conhecimentos, contemplando a formação integral do sujeito em suas dimensões cognitiva, emocional e afetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Aprendizagem. Desenvolvimento. Ensino Médio.

AFFECTIVITY, LEARNING, AND COGNITION IN HIGH SCHOOL:

CHALLENGES AND IMPLICATIONS FOR PEDAGOGICAL PRACTICE

ABSTRACT: Affectivity in high school education is a topic that remains under-discussed and, in many contexts, neglected within the educational process. The prevalence of traditional pedagogical practices centered on content transmission has limited the development of meaningful interpersonal relationships between teachers and students. This reality can negatively influence teaching-learning processes, reflected in results from large-scale assessments such as the Basic Education Development Index (IDEB) and the National High School Exam (ENEM). In this context, this study aims to

analyze the importance of the affective relationship between teacher and student in high school and its contributions to learning, drawing on the concepts of key theorists who address this subject. The research is justified by the need to promote holistic development, capable of preparing students to engage critically, participatively, and consciously in contemporary society. Methodologically, the study is characterized as bibliographic research, grounded in the contributions of authors who discuss affectivity and learning. The results demonstrate that affectivity plays a fundamental role in students' cognitive, emotional, and social development, contributing to the creation of a welcoming school environment conducive to learning. It is concluded that education must transcend the mere transmission of knowledge, encompassing the holistic development of the individual across cognitive, emotional, and affective dimensions.

KEYWORDS: Affectivity. Learning. Development. High School Education.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, os processos de ensino-aprendizagem passaram por diversas transformações, acompanhando as mudanças sociais, culturais e educacionais. Nesse contexto, novas metodologias pedagógicas foram desenvolvidas, promovendo compreensão ampla do estudante como sujeito ativo e protagonista na construção do conhecimento. Contudo, para que tais metodologias alcancem os resultados esperados, torna-se fundamental que o ambiente escolar favoreça a interação e a troca de experiências entre professores e alunos, compreendendo a aprendizagem como processo de construção coletiva do conhecimento.

Para que esse processo ocorra de forma significativa, é necessário que o professor estabeleça relação próxima e respeitosa com seus alunos, criando condições favoráveis ao diálogo, à participação e ao desenvolvimento da aprendizagem. Nesse sentido, a afetividade assume papel relevante, uma vez que contribui para fortalecer os vínculos interpessoais e potencializar os processos educativos. Saltini (1999) destaca que a relação estabelecida entre professor e aluno constitui elemento fundamental para a dinamização do conhecimento, na medida em que as estratégias educacionais se efetivam por meio da construção de relações afetivas e acolhedoras, capazes de favorecer o envolvimento do estudante com o processo de aprendizagem, ao mesmo tempo reconstruindo autoimagem diante de si e do mundo.

Esse vínculo afetivo, facilmente reconhecido na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tende a enfraquecer ao longo da trajetória escolar, tornando-se ainda menos evidente no Ensino Médio. Nessa etapa, frequentemente

observa-se a predominância da transmissão de conteúdos e da memorização de informações, em detrimento da construção significativa do conhecimento, o que nem sempre garante a efetiva aprendizagem dos estudantes. As metodologias adotadas no Ensino Médio ainda são, em grande parte, influenciadas pelo modelo tradicional de ensino, no qual o professor assume o papel central de transmissor do conhecimento e a avaliação da aprendizagem ocorre predominantemente por meio de provas.

Considerando as transformações da sociedade contemporânea e a necessidade de formar sujeitos ativos, críticos, conscientes e preparados para os desafios da vida em sociedade, a educação assume a responsabilidade de promover o desenvolvimento de competências dos discentes, visando à formação integral dos educandos. Nesse contexto, o presente trabalho evidencia a importância da afetividade na relação entre professor e aluno no Ensino Médio, bem como suas contribuições para a aprendizagem e para a construção compartilhada do conhecimento entre os participantes do processo educativo.

O estudo tem como objetivo analisar a afetividade à luz das contribuições dos principais teóricos e estudiosos da temática, investigando seus impactos na aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio. Busca-se, ainda, compreender como a afetividade pode favorecer o desenvolvimento de habilidades, a superação de dificuldades e o fortalecimento das relações estabelecidas no ambiente escolar. Nesse sentido, questiona-se: como vem-se desenvolvendo o processo efetivo no campo do ensino-aprendizagem no Ensino Médio?

A metodologia adotada neste estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, conforme definido por Gil (2008), que a compreende como aquela desenvolvida a partir de materiais já elaborados, como livros e artigos científicos, permitindo ao pesquisador analisar e sistematizar diferentes contribuições teóricas sobre o tema investigado.

Para o embasamento teórico, foram utilizados autores que discutem a relação entre afetividade, aprendizagem e cognição, como Wallon, Vygotsky, Piaget e Freire, além de contribuições de Cortella (2014) e Saltini (1999), que enfatizam a importância das relações humanas no processo educativo. O estudo também dialoga com Andersen (2014), Arantes (2003), Piletti (1997), Tassoni (2019), Rocha (2013), Balduino e Teixeira (2019) e Dias (2013), entre outros, que aprofundam a discussão sobre a afetividade no contexto escolar e suas implicações na aprendizagem.

AFETIVIDADE: CONCEITOS E ABORDAGENS TEÓRICAS

Falar sobre afetividade remete, frequentemente aos sentimentos e às emoções que fazem parte da experiência humana. O conceito de afeto possui significado amplo, estando relacionado às vivências dos indivíduos, às formas como percebem a realidade e às maneiras pelas quais agem e se expressam diante das diferentes situações do cotidiano. Por sua vez, a emoção está associada aos aspectos biológicos do comportamento humano e às reações desencadeadas diante de determinados estímulos (Rocha, 2013).

Desse modo, a afetividade constitui uma dimensão inerente ao ser humano, manifestando-se nas relações estabelecidas ao longo da vida e influenciando os processos de interação, aprendizagem e desenvolvimento. Nesse sentido, ao abordar o conceito de afetividade, apoiamos na compreensão que “a afetividade, portanto, seria um termo genérico que dá qualidade ao que é afetivo, que dá significado ao conjunto de afetos que sentimos em relação a nós mesmos e aos demais, à vida, à natureza etc. (Arantes, 2003 p. 156).

Considerando que o ser humano é, essencialmente, um ser social e que a afetividade constitui elemento indispensável para o estabelecimento das relações interpessoais, pode-se afirmar que ela influencia diretamente a qualidade das interações entre os indivíduos. Nesse sentido, a afetividade desempenha papel fundamental na vida humana, contribuindo para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo dos sujeitos.

Dentre essas dimensões, destaca-se a estreita relação com o desenvolvimento cognitivo e com os processos de construção e aquisição do conhecimento, uma vez que as experiências afetivas influenciam a motivação, o interesse e o envolvimento dos indivíduos nas atividades de aprendizagem. Dessa forma, a afetividade configura-se como elemento relevante para o desenvolvimento integral da pessoa.

Ao abordar a temática da afetividade, deparamo-nos com diversos autores que se dedicam ao estudo desse fenômeno e de suas implicações para o desenvolvimento humano. Apesar das diferentes perspectivas teóricas existentes, há consenso quanto à relevância da afetividade para o desenvolvimento integral do indivíduo e sua estreita relação com os processos cognitivos e de aprendizagem ao longo da vida.

A menção ao termo afetividade remete, frequentemente aos sentimentos e às emoções que acompanham o ser humano desde o nascimento até o fim da vida. Dessa forma, a afetividade constitui dimensão inerente à existência humana, manifestando-se nas relações estabelecidas com o meio e com os demais indivíduos. Nesse sentido, Dantas (1992) compreende a afetividade como dimensão fundante do desenvolvimento humano, destacando que ela se constitui na fase mais arcaica da formação do sujeito. A autora argumenta que no início da vida, o ser humano se constitui primeiramente como ser afetivo, sendo que, posteriormente, a vida racional se diferencia gradualmente da base afetiva original, mantendo-se, no início do desenvolvimento, indissociação entre afetividade e inteligência, com predominância da primeira.

O ser humano, desde o nascimento, manifesta sentimentos e experiências afetivas que se desenvolvem e se aprimoram ao longo da vida por meio das interações sociais, das relações interpessoais e das significações construídas acerca do mundo. A afetividade está presente nas relações sociais, nas vivências cotidianas e na forma como os indivíduos interpretam e atribuem significado às situações que experienciam. Dessa maneira, constitui dimensão intrínseca ao sujeito, integrando formação e seu desenvolvimento de maneira indissociável dos aspectos biológicos, psicológicos e sociais.

Ao abordar a afetividade, torna-se inevitável considerar também a dimensão emocional. Compreendendo o ser humano em sua totalidade, reconhece-se que os aspectos orgânicos e emocionais mantêm relação de interdependência, influenciando-se mutuamente. Embora possam ser distinguidos conceitualmente, ambos constituem partes inseparáveis da condição humana. Nesse sentido, o desenvolvimento emocional exerce influência sobre os processos biológicos, ao mesmo tempo em que as condições orgânicas podem interferir nos estados emocionais dos indivíduos.

Dessa forma, a dimensão afetiva deve ser considerada no processo de formação e desenvolvimento humano, uma vez que contribui para a construção da identidade, para o fortalecimento das relações interpessoais, preparando sujeitos diante dos desafios da vida em sociedade. No contexto educacional, o reconhecimento da importância da afetividade favorece o desenvolvimento integral dos estudantes, promovendo o crescimento emocional e social.

Diversos autores dedicaram-se ao estudo da relação entre afetividade e aprendizagem, reconhecendo a importância da dimensão afetiva para o desenvolvimento dos processos educativos. Entre esses estudiosos, destaca-se Henri Wallon, que direcionou grande parte de suas pesquisas à compreensão da afetividade e de sua influência no desenvolvimento humano. Para Wallon, os aspectos afetivos, cognitivos e motores constituem dimensões indissociáveis da formação do indivíduo, exercendo influência mútua ao longo de toda a vida.

Na psicogenética de Henri Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. Ambos se iniciam num período que se denomina impulsivo-emocional e se estende ao longo do primeiro ano de vida. Neste momento a afetividade reduz-se praticamente às manifestações fisiológicas da emoção, que constitui, portanto, o ponto de partida do psiquismo (Wallon *apud* Dantas, 1992, p. 85).

Afetividade e aprendizagem constituem conceitos distintos, porém profundamente inter-relacionados. Os processos de aprendizagem ocorrem em grande medida, por meio das interações sociais estabelecidas entre os sujeitos, o que evidencia a importância de vínculos que favoreçam a comunicação, a confiança e a construção compartilhada do conhecimento. Nessa perspectiva, a afetividade exerce papel relevante no desenvolvimento da aprendizagem, influenciando a motivação, o interesse e o envolvimento dos estudantes nas atividades educativas.

De acordo com Tassoni (2019), a aprendizagem está diretamente vinculada às experiências afetivas vivenciadas pelos indivíduos ao longo do processo educativo, sendo as relações estabelecidas entre professores e alunos fatores que exercem influência significativa na construção do conhecimento. A autora também destaca que as experiências vividas no contexto escolar são inicialmente construídas nas relações interpessoais e, posteriormente, internalizadas pelos sujeitos, tornando-se parte de sua história individual, processo no qual a mediação pedagógica assume papel fundamental.

Nesse sentido, Andersen (2014) enfatiza a importância de compreender o indivíduo em sua integralidade, reconhecendo-o como sujeito ativo, autônomo e participante da construção do próprio conhecimento, não podendo ser reduzido a uma visão mecanicista. O autor ainda destaca que o desenvolvimento humano não ocorre de

forma isolada, mas resulta das interações sociais, da apropriação do conhecimento e das experiências vivenciadas ao longo do processo educativo.

Dessa forma, a aprendizagem exige mediação, sendo o professor responsável por criar condições que despertem o interesse, a curiosidade e a motivação dos estudantes, atuando como mediador do conhecimento e promovendo o desenvolvimento integral do educando. Além disso, os vínculos afetivos no ambiente escolar são construídos gradualmente, por meio de relações baseadas no respeito, na confiança, no diálogo e na cooperação, elementos que fortalecem o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, Andersen destaca a indissociabilidade entre educação e afeto, ressaltando que ambos devem caminhar juntos, exigindo do profissional compromisso, equilíbrio emocional e intencionalidade pedagógica.

A relação entre afetividade e aprendizagem é amplamente discutida no contexto escolar, uma vez que a escola se configura como espaço de construção do conhecimento e de formação integral dos sujeitos. Assim, além dos conteúdos curriculares, a instituição escolar contribui para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e ético dos estudantes.

Nesse sentido, Arantes (2003) defende que uma escola comprometida com a educação integral precisa considerar e integrar em seu cotidiano os afetos, sentimentos, emoções e valores, o que implica a reorganização dos tempos, espaços, conteúdos e relações interpessoais.

As contribuições dos autores analisados evidenciam que a afetividade exerce papel fundamental no processo de aprendizagem. Embora o desenvolvimento humano não se dê exclusivamente pela dimensão afetiva nem apenas pela cognitiva, ambas se articulam de forma integrada, contribuindo para a formação integral do sujeito, que envolve aspectos cognitivos, sociais, emocionais e afetivos.

Entre os principais estudiosos da educação brasileira, Paulo Freire enfatiza a indissociabilidade entre afetividade e cognição no processo educativo, compreendendo que ambas se articulam na construção do conhecimento. Em sua perspectiva, a aprendizagem não se restringe à transmissão de conteúdo, mas se constitui nas relações humanas estabelecidas no espaço pedagógico, marcadas pelo diálogo, respeito

emvalorização dos sujeitos, de modo que afetividade e cognição se apresentam como dimensões complementares e interdependentes do ato educativo.

Freire (1996) também ressalta que a presença da afetividade na prática docente não deve comprometer o exercício ético da função do professor, especialmente no que se refere à avaliação da aprendizagem. O autor argumenta que não é admissível permitir que vínculos afetivos interfiram no julgamento do desempenho escolar dos estudantes, nem condicionar a avaliação ao grau de proximidade ou apreço pessoal estabelecido com o discente, preservando, assim, a responsabilidade ética que orienta a prática docente.

Estabelecer vínculos afetivos com os estudantes não significa adotar postura permissiva ou complacente diante das situações vivenciadas no ambiente escolar. Ao contrário, a afetividade no contexto educacional está relacionada à construção de relações pautadas no respeito, na empatia, no diálogo e na compreensão das necessidades dos alunos.

Ao desenvolver relação afetiva com os estudantes, o professor passa a conhecer de maneira aprofundada suas necessidades, expectativas, dificuldades, interesses e contextos de vida. Esse conhecimento favorece a construção de um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e significativo, possibilitando interação efetiva entre educador e educando.

Além disso, a compreensão das especificidades dos alunos contribui para o planejamento de estratégias pedagógicas adequadas às suas necessidades e potencialidades, favorecendo a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos estudantes. Dessa forma, a afetividade torna-se elemento importante para a mediação do processo educativo, permitindo que o ensino seja conduzido de maneira sensível às características e demandas dos sujeitos envolvidos.

RELAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E COGNIÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO MÉDIO

Conforme discutido anteriormente, a afetividade constitui elemento relevante para o processo de aprendizagem, assim como para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, reconhecendo a importância dessas dimensões, torna-se necessário refletir sobre como tais princípios podem ser incorporados à prática pedagógica, de modo a

contribuir para o alcance dos objetivos educacionais da escola, envolvendo formação integral dos indivíduos e sua preparação para os desafios da vida em sociedade.

Nesse contexto, observa-se que o sistema educacional está inserido numa dinâmica social mais ampla, sendo influenciado por valores, demandas e estruturas presentes na sociedade. Em muitos casos, essa realidade pode limitar a autonomia dos estudantes e restringir o desenvolvimento de aprendizagem criativa, crítica e significativa. Ao discutir essa questão, Pilleti (1997, p. 146) afirma que: “A escola, ao invés de se adaptar aos alunos, faz de tudo para que os alunos se adaptem a ela”. Segundo o autor, diversos fatores influenciam o processo de aprendizagem, entre os quais se destacam a atuação do professor, as relações estabelecidas entre os alunos, os métodos de ensino adotados e o ambiente escolar. Dentre esses elementos, a prática docente assume papel de destaque, uma vez que o professor atua diretamente na mediação do conhecimento e na organização das experiências de aprendizagem vivenciadas pelos estudantes.

Embora o conhecimento das teorias educacionais seja fundamental para a formação docente, a efetivação desses pressupostos na prática cotidiana constitui desafio constante. A transposição dos referenciais teóricos para a realidade da sala de aula exige reflexão, planejamento e compromisso com a prática pedagógica capaz de considerar as necessidades dos alunos e promover sua participação ativa no processo educativo. No que se refere à atuação docente, Pilleti (1997) destaca que, diante das dificuldades do cotidiano escolar, o professor deve manter postura positiva, pautada na confiança na capacidade dos alunos, no estímulo à participação de todos, no entusiasmo em relação aos conteúdos e na construção de relações de proximidade e respeito, compreendendo tais atitudes como fundamentais para o exercício da docência.

De semelhante modo, Andersen (2014) ressalta a importância de o professor estabelecer vínculos desde o início do processo educativo, reconhecendo cada aluno, valorizando sua presença e garantindo que nenhum estudante seja ignorado no ambiente escolar, o que contribui para o fortalecimento da relação pedagógica e para o engajamento dos alunos. Dessa forma, o professor assume o papel de mediador, sendo responsável por criar condições que favoreçam o desenvolvimento das potencialidades dos estudantes, estimulando a curiosidade, o interesse e a participação ativa. Assim, a prática pedagógica

ultrapassa a simples transmissão de conteúdo, voltando-se para a promoção da autonomia e da aprendizagem significativa.

Assim, o processo de ensino-aprendizagem passa a ser compreendido como relação dinâmica de troca, na qual professores e alunos aprendem mutuamente por meio do diálogo e das interações estabelecidas no ambiente escolar. Considerando que ensinar e aprender constituem processos interdependentes, torna-se fundamental o estabelecimento de relações pautadas no respeito, na confiança e na cooperação entre os sujeitos envolvidos. Essas relações favorecem a construção de ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento integral dos estudantes. Nesse sentido, Freire (1987) defende uma relação educativa baseada no diálogo, em que educador e educando aprendem mutuamente, superando a hierarquia rígida entre quem ensina e quem aprende.

A partir dessa concepção, o autor critica a chamada “educação bancária”, na qual o professor transmite conhecimentos de forma unilateral e os alunos apenas recebem e reproduzem informações (Freire, 1997). Essa abordagem, embora ainda presente em algumas práticas escolares, é questionada por não favorecer a construção ativa do conhecimento.

Diante das transformações sociais contemporâneas, torna-se necessário repensar as práticas pedagógicas, de modo que a educação responda às novas demandas formativas e contribua para o desenvolvimento crítico dos estudantes.

Nesse contexto, insere-se a discussão sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Ressalta-se que a temática da afetividade associada à aprendizagem no Ensino Médio ainda é pouco explorada na produção acadêmica, sendo mais frequentemente abordada de forma geral ou direcionada à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental. Essa lacuna evidencia a necessidade de ampliação de estudos voltados a essa etapa da educação básica, considerando suas especificidades e demandas próprias.

O tema afetividade e Ensino Médio muitas vezes é compreendido como distante da prática escolar, sendo por vezes considerado abordagem teórica de difícil aplicação. Do ponto de vista acadêmico, observa-se que os estudos sobre afetividade frequentemente se concentram na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, enquanto há

uma produção significativamente menor voltada especificamente ao Ensino Médio, tanto em pesquisas quanto em discussões teóricas aprofundadas.

Nesse sentido, Dias (2013) destaca que, ao longo do processo evolutivo da sociedade, os sujeitos também se transformam. Assim, os jovens contemporâneos não podem ser compreendidos a partir das mesmas perspectivas utilizadas em outras épocas, o que implica a necessidade de revisão das práticas educativas. Além disso, é importante considerar que os jovens não constituem grupo homogêneo, apresentando diferenças culturais, cognitivas, emocionais e comportamentais, o que influencia diretamente suas formas de aprender e interagir no ambiente escolar.

É justamente pela afetividade que podemos trazer o jovem para mais perto da escola. Para convencê-lo a realizar alguma tarefa, precisamos não somente de uma aceitação e compreensão racional da situação por parte do estudante, mas também do componente afetivo, de uma adesão emocional à proposta (Balduino; Teixeira, 2019, p. 02).

O ambiente escolar e as relações interpessoais estabelecidas nesse espaço também exercem influência significativa sobre o desempenho e o desenvolvimento dos estudantes do Ensino Médio. Aspectos cotidianos, como o diálogo com professores, a convivência com os colegas e a interação com a equipe escolar, ainda que muitas vezes não sejam valorizados de forma explícita, podem constituir fatores relevantes para o processo educativo. Essas práticas relacionais contribuem para a construção de um ambiente escolar acolhedor e favorável à aprendizagem, exercendo impacto direto na experiência formativa dos adolescentes e podendo representar diferencial importante em sua trajetória escolar.

Dias (2013) destaca, nesse sentido, que as mudanças sociais implicam também a necessidade de revisão das práticas docentes e das relações estabelecidas na escola, uma vez que alunos e professores não correspondem mais aos mesmos perfis de outras épocas. Diante dessas transformações, o distanciamento entre diferentes gerações no ambiente escolar pode impactar o processo educativo quando não há mediações adequadas, comprometendo o alcance dos objetivos de aprendizagem.

Nesse contexto, torna-se fundamental reconhecer a relevância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que afetividade e cognição se articulam de forma indissociável na construção do conhecimento e no desenvolvimento humano. As

relações estabelecidas na escola, especialmente entre professores e alunos, influenciam diretamente esse processo, podendo favorecer ou dificultar a aprendizagem.

Piletti (1997) destaca que relações pedagógicas marcadas pelo autoritarismo e pela fragilidade dos vínculos tendem a produzir rejeição por parte dos estudantes, o que pode comprometer o processo de aprendizagem e gerar dificuldades persistentes ao longo da trajetória escolar. O autor problematiza ainda que, quando o professor adota postura excessivamente diretiva e centralizadora, restringindo a participação discente e desconsiderando os saberes prévios dos alunos, o processo de ensino-aprendizagem tende a ser prejudicado, uma vez que se enfraquece o engajamento e a construção ativa do conhecimento.

Nesse contexto, Piletti (1997) analisa que esse tipo de prática docente parte da concepção de que o professor é o detentor do saber, cabendo aos alunos papel passivo de recepção e reprodução desse conhecimento, geralmente expresso em avaliações. O autor critica essa lógica por considerar que favorece a passividade e a dependência, além de limitar o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da capacidade dos estudantes de identificar problemas e buscar soluções de forma independente.

Tais modelos educacionais podem comprometer significativamente o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, produzindo efeitos que podem repercutir ao longo de toda a trajetória escolar. Em contrapartida, metodologias de caráter democrático, fundamentadas na participação ativa dos alunos, no diálogo e na troca de ideias, contribuem de forma efetiva para a construção do conhecimento, ao invés de sua mera transmissão ou reprodução. Nesse sentido, tais práticas favorecem o desenvolvimento da autonomia e da personalidade dos educandos (Piletti, 1997).

Dessa forma, prática pedagógica estruturada a partir do vínculo afetivo e de relações interpessoais positivas entre os sujeitos do processo educativo requer abordagem sensível e integrada da realidade escolar. Isso implica considerar perspectiva mais ampla e contextualizada dos estudantes, reconhecendo a complexidade do ato educativo.

Nesse sentido, a arte de ensinar e aprender pode ser compreendida como atividade de natureza formativa e relacional, que exige do educador sensibilidade, responsabilidade e compromisso com o desenvolvimento humano. Conforme Andersen (2014), essa prática

pressupõe postura ética e humana do professor, que envolve o cuidado consigo mesmo e com o outro, refletindo diretamente na qualidade das relações estabelecidas no ambiente escolar.

Por outro lado, destaca-se que o ingresso no Ensino Médio ocorre, em geral, em uma fase marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais, o que influencia tanto a constituição dos estudantes quanto a dinâmica das relações estabelecidas no ambiente escolar. Nesse cenário, Andersen (2014) enfatiza que o afeto, o respeito e o acompanhamento são elementos essenciais na educação da criança, tornando-se ainda mais relevantes na adolescência, período marcado por intensas mudanças e conflitos decorrentes do desenvolvimento.

Essa fase é caracterizada por transformações físicas, emocionais e sociais, nas quais é comum o afastamento gradual das figuras parentais, impulsionado pela busca de autonomia e pela construção da identidade. No entanto, tais processos podem ser atravessados por concepções sociais e familiares ainda baseadas em práticas autoritárias, que associam respeito ao medo, o que pode fragilizar os vínculos e dificultar relações dialógicas e afetivas. Nesse contexto, os adolescentes tendem a buscar pertencimento, orientação e referências que contribuam para a compreensão de si mesmos e para a organização de suas experiências nesse período de transição.

Andersen (2014) também destaca que, embora necessitem de autonomia, os adolescentes continuam precisando de afeto e orientação, ainda que, em alguns contextos familiares, essa necessidade seja negligenciada devido a equívocos na forma de compreensão dessa fase do desenvolvimento. Essa ausência de suporte afetivo pode gerar impactos significativos no comportamento e no processo de aprendizagem dos estudantes, especialmente quando não há rede de apoio consistente no ambiente familiar e escolar.

Dessa forma, a falta de vínculos afetivos adequados pode comprometer o desenvolvimento integral do adolescente, sobretudo no Ensino Médio, etapa marcada por maior complexidade emocional, social e cognitiva, tornando ainda mais necessária a construção de relações escolares pautadas no acolhimento e na afetividade. Nessa perspectiva, o estudante é compreendido como sujeito que constrói o próprio conhecimento, atuando ativamente na produção de sentidos e na apropriação dos saberes,

a partir da mediação docente e das orientações curriculares. O professor, por sua vez, assume papel de mediador entre o aluno e o conhecimento, incentivando a curiosidade, o pensamento crítico e a construção contínua do saber.

Um educador que se propõe a desenvolver prática pedagógica diferenciada, incorporando a dimensão afetiva em suas aulas e estabelecendo vínculos mais próximos com os alunos, necessita, antes de tudo, assumir postura de “humildade pedagógica”. Tal postura implica reconhecer os limites do próprio saber, bem como a importância do diálogo e da abertura ao aprendizado contínuo no processo educativo.

A principal característica da humildade pedagógica é a noção de que sabe coisas, mas não sabe todas, e que o outro as sabe. Sabe outras, mas também não sabe tudo. Só a possibilidade de estruturar uma conexão entre as pessoas pode gerar, de fato, um conhecimento que seja coletivamente significativo (Cortella, 2014, p. 27).

Ainda de acordo com Cortella (2014), o exercício da docência implica reconhecer a indissociabilidade entre ensinar e aprender, de modo que o professor também se constitui como sujeito em permanente processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, o ato educativo é compreendido como movimento dinâmico e contínuo de construção do conhecimento, superando a lógica da simples transmissão de conteúdo. Assim, o ensino é concebido como prática relacional e dialógica, em consonância com a crítica freireana à “educação bancária”, na qual o conhecimento seria apenas depositado no estudante.

A construção do conhecimento, nesse horizonte, está diretamente vinculada às relações humanas estabelecidas no ambiente educativo, as quais se configuram como elementos essenciais para a efetivação da aprendizagem. Mesmo diante da ampliação dos recursos tecnológicos e midiáticos, a ausência de vínculos interpessoais e afetivos pode comprometer o desenvolvimento integral do sujeito. Nesse sentido, Saltini (1999) defende a centralidade das relações humanas no processo educativo ao afirmar que o desenvolvimento humano ocorre fundamentalmente por meio da mediação de outro ser humano, destacando que o professor precisa conhecer o aluno em suas dimensões biofisiológicas e psicossociais, sua interioridade afetiva e em suas necessidades subjetivas, compreendendo-o em sua totalidade no contexto escolar.

A partir dessa compreensão, a educação é entendida como processo que articula dimensões cognitivas, emocionais, sociais e afetivas do desenvolvimento humano, sendo

o professor responsável pela transmissão de conhecimentos e pela mediação do processo formativo dos estudantes. Para que essa mediação se efetive de maneira consistente, torna-se necessário o reconhecimento da individualidade dos alunos e a construção de práticas pedagógicas coerentes com o Projeto Político-Pedagógico da instituição e com os princípios constitucionais que orientam a formação para a cidadania e para o mundo do trabalho.

Nesse cenário, a afetividade assume papel estruturante no processo educativo, ao contribuir para o fortalecimento das relações pedagógicas e para a construção de uma aprendizagem significativa e integrada. Entretanto, a permanência e o engajamento dos jovens na escola constituem desafios complexos, especialmente no Ensino Médio, etapa em que se intensificam dificuldades relacionadas à motivação e à participação discente.

Além disso, os indicadores educacionais evidenciam fragilidades no desempenho dessa etapa da educação básica. Balduino e Teixeira (2019) apontam que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da rede pública para o Ensino Médio permaneceu em patamares baixos e praticamente estáveis entre os anos de 2009 e 2017, sem alcançar as metas estabelecidas, o que revela limites na efetividade dos processos de ensino-aprendizagem. Esses dados indicam a necessidade de problematização das práticas pedagógicas e das condições estruturais oferecidas aos estudantes.

Diante desse cenário, evidencia-se que a escola ainda enfrenta dificuldades em garantir aprendizagens significativas no Ensino Médio, o que exige revisão das concepções e metodologias adotadas. Um dos aspectos críticos refere-se à predominância de práticas que desconsideram a dimensão afetiva do processo educativo, reduzindo o estudante a uma perspectiva estritamente cognitiva. Contudo, os sujeitos escolares são atravessados por emoções, experiências e vivências que interferem diretamente em sua relação com o conhecimento, de modo que tais dimensões não podem ser dissociadas do processo de aprendizagem (Balduino; Teixeira, 2019).

Por fim, trabalhar com o público juvenil implica lidar com uma complexidade ampliada, marcada tanto pelas transformações próprias da adolescência quanto por um descompasso geracional entre docentes formados em contextos anteriores e estudantes inseridos em dinâmicas socioculturais contemporâneas, o que impõe novos desafios à prática pedagógica.

Como já mencionei boa parte dos nossos alunos são do século XXI; nós, professores, somos do século XX, e os métodos do século XIX. [...] O papel do educador é fazer com que os jovens da geração Z se motivem a entender que a escolarização é um pedaço da existência dele e que Educação é a vida inteira. [...] O desafio é fazer com que o jovem entenda que a motivação não é algo que vem de fora. Como diz a frase: “Motivação é uma porta que abre de dentro para fora”. Não é possível motivar alguém, mas pode-se estimulá-lo para que ele se motive. E, portanto, que ele mesmo abra essa porta (Cortella, 2014, p. 46).

Cortella aponta que um dos desafios do educador é motivar seus alunos, considerando que a motivação é um processo interno, que emerge de dentro para fora. Nesse sentido, destaca-se a importância de integrar a dimensão afetiva ao processo educativo, de modo que o estudante adolescente possa desenvolver maior engajamento, tornando-se sujeito ativo, aberto a novas experiências e desafios, além de protagonista na construção do próprio conhecimento. Tal perspectiva se alinha aos objetivos educacionais contemporâneos, especialmente no contexto do século XXI.

Cabe ainda ressaltar que o Ensino Médio constitui etapa de preparação para o ingresso no ensino superior, na qual os estudantes são submetidos ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), avaliação que possibilita o acesso a cursos universitários. Nesse momento decisivo da trajetória escolar e pessoal do jovem, a dimensão afetiva assume papel relevante no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que a qualidade da aprendizagem está diretamente relacionada à qualidade do ensino. Nesse contexto, a afetividade configura-se como importante recurso pedagógico para o alcance dos objetivos educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade no processo de ensino- aprendizagem ainda é cercada por diversos mitos, dentre os quais se destacam concepções como: “para ser afetivo é preciso ser meloso” ou “ser afetivo é perda de tempo, estou na sala para ensinar e não para passar a mão na cabeça de aluno”. Essas e outras percepções são recorrentes no ambiente escolar quando se discute a dimensão afetiva no processo educativo.

Do ponto de vista teórico, o tema apresenta bases sólidas sustentadas por diferentes autores reconhecidos; entretanto, na prática pedagógica, sua aplicação ainda não acompanha a consistência observada nas produções acadêmicas. Mesmo com evidências

científicas que apontam sua relevância, a afetividade ainda é pouco incorporada no cotidiano escolar, no qual prevalece abordagem conteudista centrada na transmissão de conhecimentos, privilegiando o desenvolvimento cognitivo em detrimento das dimensões afetivas do estudante.

No contexto do Ensino Médio, essa realidade torna-se ainda mais evidente, uma vez que a prática pedagógica frequentemente se estrutura de forma predominantemente conteudista, com fragilidade ou ausência de vínculos afetivos entre professor e aluno. No entanto, é importante destacar que um modelo educativo que integra a dimensão afetiva ao processo de ensino favorece a assimilação dos conteúdos, contribuindo para o desenvolvimento da participação, da criatividade, da autonomia e da sensibilidade dos estudantes.

Considerando que a escola é responsável pela formação integral do sujeito e por sua preparação para a vida em sociedade e para o mundo do trabalho, torna-se fundamental a adoção de metodologias que possibilitem identificar as dificuldades e potencialidades dos estudantes, com vistas ao fortalecimento de suas habilidades e à superação de suas limitações. Para isso, é necessário que o professor conheça a singularidade dos alunos, o que se torna possível a partir do estabelecimento de vínculos significativos entre ambos. Esse vínculo constitui um dos principais objetivos da afetividade no processo educativo.

A pesquisa realizada reforça essa perspectiva ao evidenciar que, embora a afetividade no Ensino Médio ainda não seja amplamente aplicada, existem experiências e profissionais que a incorporam em suas práticas pedagógicas, demonstrando que a efetivação é possível e necessária. Esses dados indicam que a questão não se apresenta como um problema irreversível, mas como um campo em construção, que demanda atenção e compromisso dos responsáveis pela qualidade da educação.

Assim, a proposta deste trabalho não consiste em substituir o currículo escolar ou reduzir a importância dos conteúdos disciplinares, mas defender uma perspectiva de humanização da educação. Trata-se de inserir no ambiente escolar um olhar mais sensível e integral, que considere os conteúdos, as relações humanas que sustentam o processo de ensinar e aprender. Existem diversas metodologias possíveis, e o diferencial está em associá-las a uma prática pedagógica mais humana, que reconheça o aluno em sua

totalidade, e não apenas como receptor de conteúdo, sendo esse o princípio fundamental da afetividade na educação.

Acredito no poder transformador da educação, capaz de modificar pensamentos, ampliar visões de mundo e impactar realidades sociais, transformando, em última instância, vidas. Nesse processo, o professor desempenha papel fundamental como mediador dessa transformação, desde que esteja disposto a exercer prática com dedicação e sensibilidade. Ao levar para a sala de aula postura humana e acolhedora, contribui para a construção de um ambiente mais positivo, no qual relações saudáveis favorecem o processo educativo. Dessa forma, busca-se a formação de seres humanos mais humanizados, em contraposição a uma educação meramente mecanizada.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Roberto. **Afetividade na educação: Psicopedagogia**. 3º Ed. São Paulo: All Print Editora, 2014.

ARANTES Valéria amorim (org). **Afetividade na escola: Alternativas práticas e teóricas**. São Paulo: Summus, 2003.

BALDUINO, Jordana; TEIXEIRA, Rosana. A importância da afetividade com estudantes adolescentes. Portal Nova escola, 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18215/por-que-usar-aafetividade-para-mobilizar-adolescentes>. Acesso em 19 de jun. de 2026.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, escola e docência: Novos tempos, novas atitudes**. São Paulo: Cortez, 2014.

DIAS, Luzia Inácio. **Afetividade no Ensino Médio - A percepção de professores de alunos**. Monografia (Especialização em Coordenação Pedagógica), 2013. Universidade de Brasília: Brasília-DF, 2013. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acesso em: 22 de out. 2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia doprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

ROCHA, Lucimara Simão. **A importância das relações afetivas entre professor e aluno no processo cognitivo.** Monografia (Pós-graduação em educação) Universidade Federal de tecnologia do Paraná. Paraná, 2013. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acesso em 19 de jun. de 2026.

SALTINI, Claudio João Paulo. **Afetividade e inteligência.** 3º Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade no Ensino Médio:** A relação professor-aluno. Monografia (Graduação em Pedagogia). Unicamp, Campinas 2019. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acesso em 19 de jun. de 2026.

Submissão: julho de 2025. Aceite: agosto de 2025. Publicação: outubro de 2025.